

A desconstrução do estereótipo do favelado na adolescência

SARA COSTA DA SILVA¹, GREISSE QUINTINO LEAL², MAICO DIEGO MACHADO³,
LEANDRO FABRÍCIO CAMPELO⁴

¹ Cursando Técnico em informática integrado ao Ensino Médio, Bolsista de Bolsa Extensão, IFSP, Câmpus Cubatão, saracosta_13@outlook.com.

² Graduada e mestra, UFMS, Câmpus de Três Lagoas; Doutora em geografia, USP; Doutora em História Econômica, USP, greissequintino@hotmail.com.

³ Doutor em Geografia, UNICAMP, maicod.machado@gmail.com

⁴ Graduado em Geografia, UFJS; Pós-Graduado em Geografia e Gestão do Território, UFJF. Doutor em Educação, USP, campelo@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.06.00.00-7 Geografia; 7.06.01.00-3 Geografia Humana; 7.06.01.03-8 Geografia Urbana.

Apresentado no

10º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP ou no 4º Congresso de Pós-Graduação do IFSP

27 e 28 de novembro de 2019- Sorocaba-SP, Brasil

RESUMO: A pesquisa tem como finalidade abordar e refletir a partir de alguns pontos acerca da representação da “favela” na adolescência. O tema foi selecionado por existir muitos aglomerados subnormais (favelas) e bairros periféricos próximos ao IFSP, no bairro Casqueiro em Cubatão. Pretende-se discutir questões relacionadas aos conceitos de identidade, estereótipos e representação midiática com adolescentes moradores desses espaços, refletindo sobre esses estereótipos e construído um senso crítico e identitário sobre estas populações. Tem-se como finalidade analisar como a mídia (tanto em filmes, como em reportagens) constrói a imagem social do morador das “favelas”. Imagem fortemente vinculada à pobreza, violência urbana, imundície e tráfico de drogas, com forte conotação racista e excludente. O público alvo dessa pesquisa são os alunos do 1º ano do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus Cubatão, habitantes da Baixada Santista. Estes alunos participaram de questionários e palestra no IFSP, além de assistirem filmes que tratam a questão. Os resultados são positivos e mostram a importância de se aborda esses temas nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; favela; mídia; escola; cultura.

THE DECONSTRUCTION OF THE STEREOTYPE OF SLUMDOG IN ADOLESCENCE

ABSTRACT: The research aims to address and reflect from some points about the representation of the "slum" in adolescence. The theme was selected because there are many subnormal agglomerations (slums) and peripheral neighborhoods near the IFSP, in the Casqueiro neighborhood in Cubatao. It is intended to discuss issues related to the concepts of identity, stereotypes and media representation with adolescents living in these spaces, reflecting on these stereotypes and building a critical and identity sense about these populations. The purpose is to analyze how the media (both in movies and in reports) builds the social image of the “slum” resident. Image strongly linked to poverty, urban violence, filth and drug trafficking, with strong racist and exclusionary connotations. The target audience of this research are the students of the first year of high school of the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo - Campus Cubatao, inhabitants of Baixada Santista. These students participated in questionnaires and lectures at IFSP, as well as watching films that address the issue. The results are positive and show the importance of addressing these issues in schools.

KEYWORDS: Identity; favela; Media; school; culture.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa desconstruir o estereótipo do morador de favela construído pela mídia, que geralmente o associa à criminalidade, promiscuidade e tráfico de entorpecentes. Tal estigma social está estruturado no racismo institucional que molda a identidade do adolescente precipuamente. Assim sendo, essa pesquisa visa evidenciar ao público alvo que a imagem do favelado é um produto social e midiático, mostrando-lhes novas possibilidades e criando defesas sobre o racismo.

Ao identificar como os adolescentes absorvem e se reconhecem na imagem do morador de aglomerado subnormal, o 'favelado', que é um estigma social forte. Após a identificação da autoimagem que os estudantes do 1º ano (entre 14 e 16 anos) possuem de si mesmas procurou-se desconstruir a carga negativa e/ou pejorativa deste termo por meio de debate em sala de aula, com o apoio do(a) professor(a), assim foi utilizado o ambiente do IFSP para palestras específicas sobre o tema e aplicou-se questionários, que visam a aproximação do material de estudo do projeto (alunos). Foram discutidos os conceitos de identidade, pobreza, território, territorialidade e o significado social de 'favelado'. Assim, foi possível permitir aos alunos que refletissem e identificassem os valores atribuídos ao morador de aglomerados subnormais pelo viés midiático e pelo viés educacional, com ênfase no espaço urbano e na cultura local.

MATERIAL E MÉTODOS

Questionários foram aplicados sobre a autoimagem que os alunos têm de si mesmos enquanto moradores de aglomerados subnormais, assim como na investigação sobre como filmes, programas e novelas retratam os moradores destes locais. Esses dados foram usados para traçar o perfil do adolescente favelado e identificar a influência da mídia na naturalização da violência, pobreza e racismo. A avaliação foi constante, observando os avanços a partir dos questionários no anseio de esboçar o paradigma consolidado do morador da favela, especialmente o morador de favela negro. O questionário de sondagem sobre a imagem do morador de aglomerados subnormais e como a mídia o expõe, foi reaplicado no último encontro como medida de comparação e avaliação do desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira aproximação com os alunos, descoberta da caracterização do espaço em que vivem, análise de problemas enfrentados no geral, tais como: violência, cor, desigualdade, etc.

Observa-se no gráfico da pergunta “Qual cor você se auto declara?”, uma predominância de pardos, mas ainda existe uma discrepância entre a quantidade de alunos que se autodeclararam negros e brancos, ficando em maior quantidade os pardos seriam os negros “minimizadas”, pois observa-se que existe uma grande parcela de alunos negros nas turmas, mas a vergonha e a falta de auto declaração é predominante. Esse fato é resultado de um país misógino, com uma história de escravidão e marginalidade do negro. Segue abaixo o gráfico:

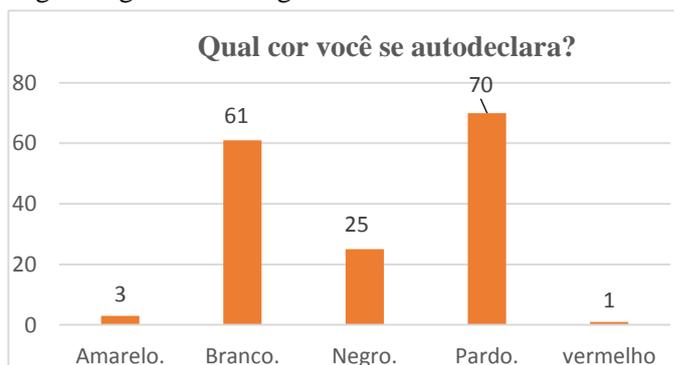


FIGURA 1. Gráfico do resultado da pergunta “Qual cor você se auto declara? ”.

Na pergunta em que os alunos precisam informar se já sofreram algum tipo de violência ou vivenciaram, observa-se uma predominância do gênero feminino, o que comprova que mesmo no século XXI ainda temos problemas de séculos passados, por mais que a tecnologia, economia entre outras áreas estejam avançando temos uma queda e regresso no âmbito da igualdade de gênero. Segue abaixo o gráfico:

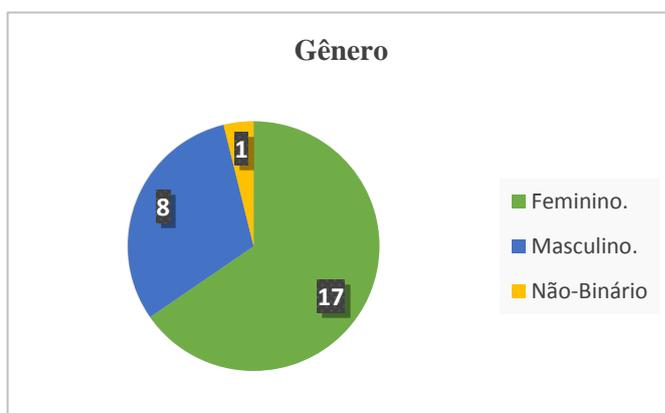


FIGURA 2. 17 crianças que viram ou sofreram violência eram do gênero feminino.

Frases como “Mataram um cara a tiro em frente à casa da minha avó”, “Meu tio tendo uma crise violenta agredindo a mim e minha mãe”, foram resultados da pergunta sobre violência e de um apelo, para que, sentindo-se à vontade os alunos relatassem um acontecimento. Sabe-se que existem muitos casos de violência, além dos citados acima e essa realidade acaba sendo rotina de muitos adolescentes, que por motivos emocionais e psicológicos preferem não expor essas situações e/ou pedir ajuda. Os bairros de Cubatão mostram-se como a maior cidade que tem casos de violência relatado pelos alunos.

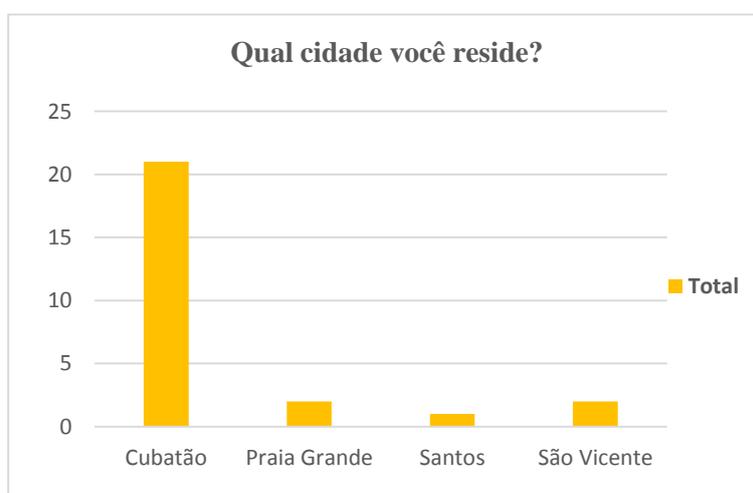


FIGURA 3. Gráfico do resultado da pergunta “Qual cidade você reside? ”.

CONCLUSÕES

Ao final da aplicação do questionário pode-se observar alguns pontos que chamam atenção, como o fato de termos uma grande maioria de adolescentes que se auto declaram pardo, mesmo que ao observar percebe-se que sua grande maioria é negra, isso já mostra um avanço no momento em que se auto declaram parte dos PPI (Pretos, Pardos e Indígenas), mostrando assim um grande avanço na declaração de sua identidade.

Os estereótipos que são criados e impostos pela sociedade vem sendo desconstruído aos poucos, hoje em dia o medo de dizer que não é do gênero “feminino” ou “masculino” é enfrentado e já não mais como antes é considerado algo absurdamente medonho, pois, a discussão sobre gênero e sexualidade tem sido colocado em pauta em muitas escolas e universidades, mesmo que existam aqueles como nosso presidente da república, que são contra esse tipo de conversa com os adolescentes,

o movimento e a educação sobre esses assuntos vem crescendo e desta forma deteriorando a imagem construída a muitos anos do que é o “certo” e o “errado”.

Outro fato em que a imagem é construída de forma errônea é a questão econômica e geográfica, sendo interligada diretamente com a cor a marginalização de muitos jovens. A favela vem sendo a muitos anos apontada como concentração de jovens envolvidos com o tráfico, uso de entorpecentes e com a vida da marginalidade, mas o que não é lembrado e nem comentado é como o estado e o poder público, deixa a desejar quando o assunto é “favelas”, esquecendo que grande parte dessa população corre atrás do seu alimento todos os dias e vive em uma constata montanha-russa sem saber se ao chegar em casa terá a notícia que algum jovem da comunidade foi morto “por engano” ou que mais um político irá fazer propostas de mudanças, propostas essas que nunca serão cumpridas. De fato, os estereótipos do morador da favela implicam muito com os anos de vida em que ele terá, já que a sociedade é manipulada e alienada a acreditar na meritocracia e em que todos têm a mesma oportunidade, o que não é a realidade da maioria que mora em favela, pois, até quando vão em busca de um trabalho a localização em que residem e sua cor é considerada, tirando assim todo seu potencial e credibilidade para assumir aquela vaga tão esperada.

A dificuldade de conseguir um emprego, aumenta o número de jovens que ao se observarem desacreditados com a sociedade buscam crescer na vida entrando no mundo do tráfico, com um único intuito: ajudar nas despesas da casa. A falta de oportunidade, a violência do local em que vivem criam todos os dias possíveis pessoas com problemas psicológicos e sócias.

A maioria dos jovens que residem em bairros considerados favelas, respondem ao questionário afirmando já ter presenciado ou vivido algum tipo de agressão e isso só afirma que quando o assunto é segurança em favelas o estado não poupa recursos para fazer-se de “morto”, visto que quando é para fazer operações e mostrar para a sociedade que está fazendo seu papel garantido a segurança de todos.

O fato é que como sociedade temos que evoluir muito e buscar sempre a igualdade, de uma forma que não prejudique os menos favorecidos que cada dia a mais vem crescendo juntamente com a desigualdade que só aumenta, e a população fecha os olhos para esses assuntos e para as pautas que buscam melhoria nesse âmbito. Ao mostrar e desconstruir todo esse conceito, teremos uma sociedade próspera e para que isso seja, de fato feito precisamos iniciar essa desconstrução dos mais novos, a nova geração que é tão preocupada com o avanço tecnológico que esquece do avanço social e ético.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de São Paulo pela bolsa que proporcionou a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- COLETA F. A. O., Maria. Demografia da exclusão social. Unicamp: Ed. Da Unicamp, 2001.
- El País. “Mais Brasileiros se declaram negros e pardos e reduzem número de brancos”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html. Acesso em: 20/07/2019.
- GOFFMAN, Erving. Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo, LTC, 1984.
- Jornal G1. “Desigualdade de renda no Brasil atinge o maior patamar já registrado, diz FGV/IBRE”. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/21/desigualdade-de-renda-no-brasil-atinge-o-maior-patamar-ja-registrado-diz-fgvibre.ghtml>. Acesso em: 20/07/2019.
- LONGO, Isis. O estigma dos três ps: pobre, preto, da periferia. A visão de adolescentes da Comunidade Heliópolis. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cjaba/n1/17.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- REIS, Nilton; PINHO, Raquel. “Gêneros Não-Binários: Identidades, Expressões e Educação”. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- VAN ROMPU, Phie. Relatos de favelas cariocas. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=25361>. Acesso em: 17/06/2019.
- ZALUAR, Alba. O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/8-encontro-anual-da-anpocs/gt-9/gt09-8/5962-albazaluar-o-antropologo/file>. Acesso em: 10 mai. 2019.